

AVALIAÇÃO EM IMAGENS: OS INSTRUMENTOS AVALIATIVOS DE LÍNGUA INGLESA REPRESENTADOS NOS DESENHOS DOS ESTUDANTES

Vitória Maria Avelino da Silva Paiva (doutoranda/UFRN)

RESUMO

Este artigo apresenta uma investigação sobre os instrumentos avaliativos utilizados por uma professora e analisados pelos seus estudantes. Trata-se de uma pesquisa ação (NUNAN, 2007; ANDRÉ, 1995) desenvolvida no ensino médio. Ao trabalharmos com a opinião discente a respeito das avaliações a que são submetidos, fizemos uso de imagens produzidas por esses estudantes, identificando as representações (GOODMAN 1968 *apud* SANTAELLA; NOTH, 2008) que eles atribuem às avaliações de inglês, considerando que o uso de imagens configura-se como um texto visual de linguagem significativa (BUORO, 2002). Uma das contribuições de nossa pesquisa foi entender os aspectos psicológicos desencadeados pelo uso dos instrumentos avaliativos e o quanto esses aspectos podem contribuir ou impedir a aprendizagem de uma língua estrangeira.

Palavras Chave: Avaliação; Imagens; Participação estudantil; representações.

INTRODUÇÃO

O uso de imagens para expressar pensamentos provém dos nossos ancestrais, os homens primitivos, que utilizavam seus desenhos nas cavernas como forma de exprimir suas intenções e seus feitos. É possível ao homem moderno, por meio da observação dos símbolos antigos, dar um significado aquelas situações representadas por desenhos.

A imagem é importante, entre outros argumentos, porque precede a fala. Se nos remetermos a um infante, que antes de pronunciar uma palavra já terá visto inúmeras imagens, perceberemos que este, ao começar a falar, relacionará sua fala aos objetos cujas imagens já estarão familiares em sua mente.

De acordo com Santaella; Nöth:

O mundo das imagens se divide em dois domínios. O primeiro é o domínio das imagens como representações visuais: desenhos, pinturas, gravuras, fotografias e as imagens cinematográficas, televisivas, holo e infográficas pertencem a esse domínio. O segundo é o domínio imaterial das imagens na

nossa mente. Neste domínio, imagens aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos ou, em geral, como representações mentais. Ambos os domínios da imagem não existem separados, pois estão inextricavelmente ligados já na sua gênese. Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais. (SANTAELLA; NÖTH, 2008, p. 15)

Ao longo do percurso da pesquisa empreendida, percebemos que a mídia impressa brasileira, ao se referir ao tema avaliação, por meio de revistas e publicações voltadas aos educadores, agregava a este tema alguma imagem de cunho negativo, como por exemplo, um nó, um dragão, uma caixa preta, entre outros. Como exemplo, escolhemos uma imagem que foi capa da revista educativa *Pátio*, representando a avaliação com a figura de um nó:



Figura 1: - Imagem de capa da revista pedagógica *Pátio*.
Fonte: Revista pedagógica *Pátio*. mai-jul de 2009

Nestas imagens representativas percebemos o que representa a avaliação para os autores e editores das publicações voltadas para educadores. Isto nos fomentou a ideia de sabermos dos estudantes o que eles teriam a expressar, por outro meio, o imagético (GOODMAN, 1968 *apud* SANTAELLA; NÖTH, 2008), como eles representariam a avaliação empregada pelos seus professores de língua inglesa.

A avaliação e suas representações imagéticas

Ao incluirmos nesta pesquisa as representações imagéticas (GOODMAN, 1968 *apud* SANTAELLA; NÖTH, 2008) construídas pelos estudantes relacionadas ao tema

avaliação, entendemos, como Goodman (1968, *apud* SANTAELLA; NÖTH, 2008, p. 19) que as “representações são imagens que têm aproximadamente o mesmo tipo de função que descrições.” Ao vermos uma imagem, podemos compreender as intenções do seu produtor, pois trata-se de uma descrição do pensamento expressada por outra forma de linguagem, necessitando de interpretação, como outro texto.

Para fundamentar o estudo das representações imagéticas neste trabalho, nos remetemos aos teóricos da Semiótica, entre outros. Para Pignatari (2004, p.20): “A Semiótica acaba de uma vez por todas com a ideia de que as coisas só adquirem significado quando traduzidas sob a forma de palavras.” considerando portanto, as outras formas de linguagem, como a imagética. A partir deste esclarecimento, apresentamos uma imagem que foi por nós encontrada em um birô, durante uma semana de provas da escola pesquisada:



Figura 2 - Imagem desenhada por um estudante em uma semana de provas, na escola pesquisada, no ano de 2007. Fonte: Dados da pesquisa

Observando o desenho, podemos nos perguntar, enquanto pesquisadores, o que um estudante que desenha em um birô de uma escola essa imagem gostaria de expressar, uma vez que podemos fazer “uso de imagens e símbolos para representar ou substituir algo diferente do que estes aparentam.” (WAKEFIELD; UNDERWAGER, 1998, p. 176, tradução nossa)¹

Ela até poderia passar despercebida, como as inúmeras outras manifestações estudantis que ocasionalmente encontramos nas paredes e carteiras escolares, se não estivesse

¹ The use of images and symbols to represent or stand for something other than itself. (WAKEFIELD; UNDERWAGER, 1998, p. 176)

em um birô, exatamente na semana de provas de uma escola, onde inevitavelmente os professores a veriam, trazendo acima do desenho uma seta nominando-a de prova.

As imagens e símbolos podem elucidar questões muitas vezes inexprimíveis por meio das palavras, porque “Nós usamos as imagens não apenas como representações do mundo objetivo, mas também para comunicar nossos sentimentos mais profundos.” (PROSSER, 1998, p. 01, tradução nossa)¹ Na imagem exposta estão implícitas as conotações específicas que são particulares ao estudante que se expressou pelo desenho. O que elas poderia nos dizer e em que poderiam nos ajudar a aprimorar a prova escrita, instrumento avaliativo utilizado e aparentemente hostilizado por esse estudante?

O pensamento representado por meio de imagens

A autora Hoffmann (2004) em seu livro *Avaliação, mito e desafio* propôs um exercício com alguns professores, nos quais eles relacionavam a avaliação a imagens, construindo metáforas (LAKOFF; JONHSON, 2002). Não foi solicitado que os professores desenhasssem, só comparassem a que se assemelhava a avaliação para eles. Entendemos que, se a avaliação está na realidade cotidiana dos professores, também o está na realidade dos estudantes, que são perceptíveis e talvez mais sensíveis a seus efeitos. Desenhar os instrumentos avaliativos, portanto, constitui expressar suas percepções a respeito do assunto.

A noção de percepção está comprometida com a noção de imagem. Esta propicia um feixe de significados do percebido. Podemos elevar o sentido do olhar e do desenhar às ideias de “fábrica de imagens”, ou então, “fábrica de significações.” (DERDIK, 1989, p. 112)

É a partir de nossas interpretações sobre as imagens produzidas pelos estudantes que temos uma descrição da avaliação de língua inglesa aplicada na escola. Não fizemos uso apenas da produção imagética, mas também de textos dos estudantes que justificaram os desenhos produzidos, já que para Santaella; Nöth (2008, p. 52): “A relação entre a imagem e seu contexto verbal é íntima e variada. A imagem pode ilustrar um texto verbal ou o texto pode esclarecer a imagem na forma de um comentário.” Deste modo, por meio das percepções

¹ “We use images not only as representations of the objective world but also to communicate our deepest feelings.” (PROSSER, 1998, p. 01)

expressadas pelos desenhos produzidos, pudemos compreender melhor as reações dos estudantes pesquisados ante os instrumentos avaliativos que convivem.

Ao considerarmos a inserção das representações imagéticas justificadas por outros textos, chamamos a atenção para outras leituras, nas quais as imagens se fazem presentes não apenas de forma ilustrativa, mas como “texto visual visível e, portanto, como linguagem significativa.” (BUORO, 2002, p. 34)

As imagens representativas das avaliações de língua inglesa podem nos fornecer inteligibilidade sobre os efeitos que determinados instrumentos avaliativos provocam nos estudantes, dificultando ou facilitando sua aprendizagem neste idioma. Na concepção de Buoro (*ibid.*, p. 35) “imagens propõem presenças que não podem persistir ignoradas ou subestimadas em sua potencialidade comunicativa [...] ao contrário, devem ser devidamente exploradas e lidas, o que implicaria ganho evidente para o processo educacional.”

Assim, entendemos que um estudo das imagens produzidas pelos estudantes é relevante para que os professores de língua inglesa obtenham, por meio destas representações, indicativos que poderão, entre outras ações cabíveis, norteá-los nas futuras avaliações.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta é uma pesquisa qualitativa de base etnográfica. Trata-se de uma pesquisa ação: “uma forma de pesquisa que está se tornando cada vez mais significativa em educação linguística”¹ (NUNAN, 2007, p. 17, tradução nossa).

A pesquisa desenvolveu-se em uma escola pública de Ensino Médio (EM) na cidade de Lajes, RN. Por convenções éticas referentes à pesquisa qualitativa (CELANI, 2005), usaremos de siglas quando nos referirmos aos participantes da pesquisa: trinta e cinco estudantes da segunda série da escola supracitada. Usaremos a sigla EC, em substituição das palavras estudante colaborador, seguida de numeração por ordem de participação.

ANÁLISE DOS DADOS

¹ “A form of research which is becoming increasingly significant in language education.” (NUNAN, 2007, p.17)

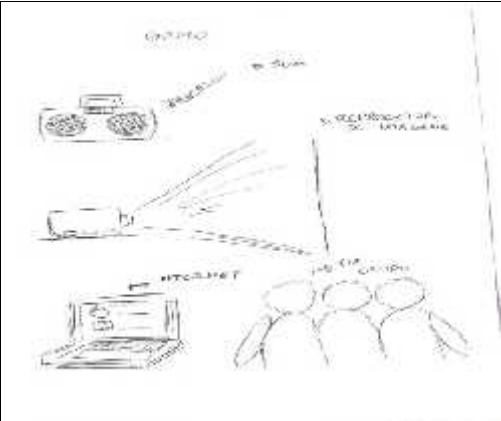
Para a análise dos dados, solicitamos aos ECs que representassem os instrumentos avaliativos por meio de desenhos, associando-os a imagens de cunho positivo, quando fossem apreciados e de cunho negativo quando fossem depreciados. Também gravamos, ao término das produções imagéticas, cada estudante explicando sua representação para os demais e, abaixo de cada produção, transcrevemos as explicações feitas.

Para uma melhor compreensão, iremos apresentar algumas representações feitas pelos pesquisados e as legendas a elas atribuídas, apresentando primeiro os desenhos que ilustram os instrumentos avaliativos apreciados e colocando abaixo de cada um deles trechos das transcrições que justificam a preferência estudantil. Em seguida teremos as imagens que representam os instrumentos avaliativos depreciados, bem como as opiniões emitidas pelos pesquisados.

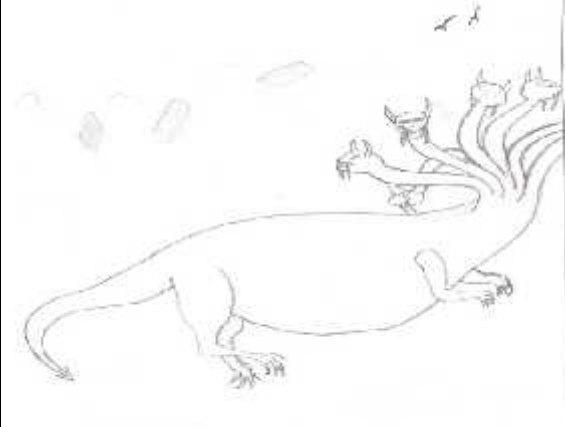
Após a apresentação original das imagens produzidas, elaboramos dois quadros, no intuito de melhor compreender as representações feitas, onde relacionamos o significado convencional (descrição vocabular baseada em dicionário) de cada imagem produzida com o sentido a elas atribuído pelos participantes no momento da representação.

Representações, por imagens, de alguns instrumentos avaliativos apreciados pelos estudantes pesquisados.

IMAGEM	TEXTO
 Desenho 01	Trabalho em grupo “Gosto de trabalho em grupo. Desenhei uns anjinhos no céu.” EC13. (autora do desenho 01) “Gosto de trabalho em grupo, é como se fosse um céu para mim” EC14 “(…) A prova em grupo não para um se escorar no outro, mas para um tirar as dúvidas do colega (...) se eu tô em dúvida numa questão e meu colega ele sabe, então ele vai passar pra mim.” EC5
 Desenho 02	Teste oral “O que eu gosto é teste oral. Aqui é yo falando.” EC15. (autor do desenho 02)

 Desenho 03	Atividades diversificadas “Bom, eu gosto de música, então eu quis facilitar tudo para a minha vida, sabe? Então assim é bom ouvir a música com tradução, ver imagens também, coisas, pesquisas da Internet e também trabalho em grupo.” EC17.(autora do desenho 03)
---	--

Representações, por imagens, de alguns instrumentos avaliativos não apreciados pelos estudantes pesquisados.

IMAGEM	TEXTO
 Desenho 04	Prova escrita “Esse bicho de sete cabeças representa assim justamente isso, essas provas muito avançadas.” EC5 (autor do desenho 04) “(…) e não gosto de provas porque é chato.” EC18 “Aí as coisas que eu não gosto é: (...) provas avaliativas tipo no papel, porque é bom você ser avaliado é indiretamente.” EC17 “E eu não gosto de nenhum tipo de prova, não. Nenhum.” EC11 “(…) e não gosto de provas.” EC19
 Desenho 05	Testes “Eu não gosto de testes, porque muitas vezes o que você estuda pro teste não está lá no que o professor passa.” EC3. “E o que eu não gosto: teste surpresa. O professor, né? Aí o cabra (...) pânico!” EC15 (autor do desenho 05) “E não gosto nem de prova e nem de teste. pronto!” EC20

 Desenho 06	Apresentação de trabalhos “(...) e não gosto de trabalho de apresentar. É como se fosse uma mulher com defeito.” EC14 “E eu odeio apresentar trabalho, é o inferno de minha vida.” EC21. (autora do desenho 06) “O que eu não gosto é de apresentar trabalho, principalmente de inglês, né? Pra ler, pra traduzir...” EC5
---	--

Abaixo relacionamos as imagens produzidas pelos estudantes e seus significados convencionais bem como os significados atribuídos pelos estudantes durante este momento da pesquisa.

INSTRUMENTO	IMAGEM REPRESENTATIVA	SIGNIFICADO CONVENCIONAL	REPRESENTAÇÃO
Trabalho em grupo	1.Anjo 2.Céu	1.Ser celestial benigno 2.Paraíso dos cristãos	1.Salvação, proteção 2.Tranquilidade, segurança
Prova Oral	O globo terrestre	O mundo, a Terra	Língua falada mundialmente, confiança em falar inglês
Atividades diversificadas	No mesmo desenho havia: aparelho de som, projetor de imagens, computador e pessoas.	Comunicação, interação e conectividade	Variedade, diversidade, interação

QUADRO 01 - Instrumentos avaliativos apreciados
Fonte: Dados da Pesquisa

INSTRUMENTO	IMAGEM REPRESENTATIVA	SIGNIFICADO CONVENCIONAL	REPRESENTAÇÃO
Prova escrita	Bicho de sete cabeças	Animal da mitologia grega (monstro)	Dificuldade; medo
Teste	Freddy Krueger	Personagem fictício de filme de terror	Pânico, suspense, algo inesperado
Apresentação de trabalhos	Diabo	Ser maligno	Maldade, algo ruim

QUADRO 02 - Instrumentos avaliativos apreciados
Fonte: Dados da Pesquisa

Ao relacionarmos as imagens produzidas a seus significados convencionais e ao que estes representam para os estudantes, entendemos, como Goodman (1968, *apud* SANTAELLA; NÖTH, 2008, p. 36) que “o conceito de imagem se divide [...] por dois polos.

Um descreve a imagem direta, perceptível ou até mesmo existente. O outro contém a imagem mental simples, que, na ausência de estímulos visuais, pode ser evocada.” Deste modo, pudemos perceber o impacto que o processo avaliativo causa nos estudantes, desencadeando reações a partir de sua aceitação ou rejeição. Essas reações são expressas por meio da evocação mental dos estudantes de imagens existentes e por eles já conhecidas, mas que assumem novos significados perante os sentimentos que são por elas representados.

Ao se sentirem bem avaliados, os estudantes representaram suas sensações por meio de desenhos que nos fazem compreender que eles se sentem relaxados, tranquilos, seguros, ao serem avaliados da maneira que entendem poder demonstrar o que aprenderam na disciplina. Da mesma forma, quando se sentem inseguros, ameaçados, aterrorizados diante de um instrumento avaliativo que julgam inadequado para expressar seus conhecimentos adquiridos, os estudantes expressam, por meio das representações imagéticas, suas sensações relacionadas a estes instrumentos.

Durante a análise das justificativas e das imagens representativas, observamos a preferência estudantil pelo instrumento avaliativo trabalho em grupo, enquanto que a prova escrita foi o instrumento menos apreciado. Depreendemos que os instrumentos intitulados ‘prova’ e ‘teste’ (para provar, para testar) aparentam ser os mais hostilizados, enquanto aqueles cuja denominação se afastava do sentido de julgamento e testagem parecem mais aceitos, como por exemplo ‘trabalho’ (que dá a ideia de que se vai trabalhar algo) ‘atividade’ (exercitar algo, colocar em atividade algo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das representações imagéticas realizadas, percebemos maior liberdade de expressão dos pesquisados ante o tema de seus desenhos, porque relacionavam com eles o que sentiam dificuldade de expressar em palavras, sendo o uso das palavras necessário apenas para legendar os desenhos produzidos. Primou-se, portanto, pelas representações imagéticas, que nos possibilitam outras leituras: a da “imagem emitida do objeto e a da imagem captada pelo observador” (NÖTH, 2003, p. 30).

A pesquisa compreendeu que os estudantes do ensino médio tem uma consciência mais crítica e reflexiva no que se refere a suas avaliações. Os educandos participantes deste

estudo demonstram entender que a avaliação é parte constante do processo de ensino aprendizagem, pois eles apontam que os procedimentos de ensino de idiomas sejam vinculados a avaliação e não realizados separadamente, como até então estava acontecendo na escola pesquisada.

Ao serem solicitados para que produzissem imagens relacionadas ao tema avaliação, os estudantes expressaram seus receios e expectativas a respeito do que idealizam ante as avaliações que tomam parte e as que desejam que aconteça com mais frequência. Suas representações, ao se valerem de imagens por eles produzidas para se constituírem, expressaram suas sensações provocadas pelo uso dos instrumentos avaliativos que já conhecem, nos fazendo entender os aspectos psicológicos desencadeados pelos instrumentos e o quanto esses aspectos podem contribuir ou impedir a aprendizagem de uma língua estrangeira.

REFERÊNCIAS

BUORO, A.B. **Olhos que pintam:** a leitura da imagem e o ensino da arte. São Paulo, São Paulo: Cortez Editora, 2002.

DERDIK, E. **Formas de pensar o desenho:** desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.

FERREIRA, A.B.H. **Miniaurélio Século XXI Escolar:** O minidicionário da Língua Portuguesa. Editoração: Anjos, M. [et al.]4. ed. rev. ampliada – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GARDNER, H. **Multiple Intelligences:** The Theory in Practice. New York: Basic Books, 1993.

HOFFMANN, J. **Avaliação:** mito e desafio. Porto Alegre: Mediação, 2004.

HOPKINS, D. **A teacher's guide to classroom research.** Bristol, PA, USA: Open University Press, 1992.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

NÖTH, W. **Panorama da Semiótica:** De Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 2003.

NUNAN, D. **Research Methods in Language Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

PIGNATARI, D. **Semiótica e Literatura**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

PROSSER, J.(edit.) **Image-based research: a sourcebook for qualitative researchers**. London, UK: Falmer Press, 1998.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Imagem: Cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SILVA, V. M. A. **Avaliação de Língua Estrangeira Moderna: Desafios x Possibilidades**. 2007. 100 f. (Monografia de conclusão do curso de Especialização em Ensino de Língua Inglesa.) Faculdade de Letras e Artes, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Assu, 2007.

WAKEFIELD, H.; UNDERWAGER, R. The application of images in child abuse investigations. In: PROSSER, J.(edit.) **Image-based research: a sourcebook for qualitative researchers**. London, UK: Falmer Press, 1998. p. 176-194.

OUTRAS FONTES

CELANI, A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. *Linguagem & Ensino*,...Pelotas,v.8,...nº1,...p.101-122...Jan/Jun...2005...Disponível..em:
<<http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v8n1/antonieta.pdf>> Acesso em: 03/10/2012.